

Violência, juventude e idolatria clubística: Uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

bernardo.hollanda@fgv.br

Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). Pesquisador do CPDOC; Professor da Escola de Ciências Sociais (FGV)

Jimmy Medeiros

jimmy.medeiros@fgv.br

Doutorando em Políticas Públicas, Estratégia e Desenvolvimento pela IE/UFRJ

Resumo: O presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa quantitativa realizada com segmentos associativos de torcedores de futebol, denominados comumente de torcidas organizadas e/ou torcidas uniformizadas. A proposta geral do trabalho propôs-se a traçar um perfil socioeconômico do torcedor organizado contemporâneo, bem como a mapear a distribuição espacial das torcidas nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. A aplicação de questionários foi feita entre 2013 e 2015 e abrangeu um universo de mais de mil respondentes. Para os limites deste artigo, apresentam-se as percepções que os jovens aficionados têm de suas próprias associações e de seus próprios comportamentos grupais nos estádios, nas sedes dos clubes, nas caravanas de viagem e nos trajetos rumo aos jogos. Marcados pelo estigma da violência, fonte de constante controvérsia por parte da opinião pública, procura-se aqui apresentar um quadro sociológico atualizado desses agrupamentos, acentuando aspectos mais compreensivos que judicativos. Evitam-se os juízos de valor e procura-se compreender de que modo os torcedores organizados veem sua atuação no universo do futebol profissional de alto rendimento, de que maneira eles se comportam diante das rivalidades clubísticas e como reconhecem suas ações coletivas segundo critérios de tipificação da violência mais ou menos aceitos, mais ou menos internalizados socialmente.

Palavras-chaves: Futebol; Violência; Torcida; Identidade Coletiva.

Violence, youth and football club idolatry: A quantitative survey of football firms in Rio de Janeiro and Sao Paulo

Abstract: This article presents some of the results of a quantitative research conducted with associative segments of football fans, commonly called organized and/or uniformed supporter groups. The general proposal of this study was to draw a socioeconomic profile of the organized supporter, as well as to identify a map of the spatial distribution of the supporter groups in the cities of Rio de Janeiro and São Paulo. The questionnaires were applied between 2013 and 2015 and covered an universe of over 1000 respondents. As the limits of this article,

we highlight the perceptions that young aficionados have of their own associations and group behavior in stadiums, clubs, trip caravans, and way towards matches. Marked by the stigma of violence, a source of constant controversy on the part of public opinion, we seek here to present a contemporary sociological framework of these groups, stressing understanding aspects rather than judging ones. We avoid value judgments and seek to understand how the organized supporters see their acting in the universe of professional football, how they behave regarding club rivalries and how they recognize their collective actions according to more or less accepted criteria of typification of violence, somewhat internalized socially.

Keywords: Football; Violence; Supporter Groups; Collective identity.

Introdução

O perfil do torcedor organizado brasileiro ainda é um tema envolto em controvérsias, sobretudo quando se trata das notícias veiculadas pelos jornais ou das conversas de senso-comum entabuladas no cotidiano. Estas são derivadas de uma pauta enfatizada por repórteres e jornalistas esportivos, a partir de incidentes conflituosos relatados pelos principais veículos dos meios de comunicação de massa nos últimos trinta anos¹.

Teixeira² aponta o uso recorrente, por membros da grande mídia, de julgamentos morais para definir os torcedores organizados, taxados usualmente sob a pecha de “perigosos”, “vândalos”, “bárbaros”, “violentos” e “patológicos”. Não obstante, vale notar que os mesmos canais de televisão responsáveis pelas transmissões e pelas chamadas publicitárias dos campeonatos de futebol, em paralelo aos lances de efeito realizados pelos jogadores em campo, utilizam imagens festivas promovidas por essas mesmas torcidas nas arquibancadas.

Determinados jornalistas, seguidos por torcedores não filiados às torcidas organizadas, denunciam o membro dessas agremiações como sendo o indivíduo “vagabundo” e “marginal” na sociedade. Ou seja, ele é caracterizado por ter hábitos e valores divergentes aos dos padrões e da cultura socialmente compartilhada. Em razão disto, prescreve-se, deveria haver ou o enquadramento normativo dessas entidades ou a sua extinção, como vem ocorrendo a partir de determinações de Ministérios Públicos estaduais.

¹ TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

² TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2004.

Em acréscimo, conforme endossam alguns estudiosos³, inspirados por sua vez na metáfora oitocentista da “psicologia das massas”, o adepto de associações torcedoras é visto como sendo intolerante e emocionalmente instável, o que lhe acarreta uma imagem deteriorada. No mundo do trabalho, ele é enquadrado como indivíduo com baixa formação educacional, não-integração aos quadros familiares e com ausência de vínculo empregatício. Quando atua profissionalmente, é identificado a um tipo de trabalho informal e de pouco valor econômico e social agregado. Enfim, representa um indivíduo que vive à margem das normas éticas, se comparado às “famílias” e aos demais frequentadores das arquibancadas, das cadeiras cativas e dos camarotes dos estádios espalhados pelo Brasil.

Sob outro ponto de vista, na Academia, torcidas organizadas têm sido objeto de investigações com diversos propósitos e com variadas abordagens qualitativas e quantitativas. As etnografias, por exemplo, permitem identificar o *etos* dos membros dessas agremiações, conhecendo e aprofundando estudos sobre seus hábitos e seus rituais, suas crenças e suas tradições, o que permite caracterizar com mais precisão os distintos perfis e as modalidades do ser torcedor.

Os trabalhos de Menezes⁴ e de Teixeira⁵, por exemplo, utilizam deste tipo de técnica de pesquisa social aplicada, que se vale da observação participante, para investigar o público aficionado de futebol. Tal procedimento permitiu identificar uma série de distinções, mas também um conjunto de similaridades. No primeiro caso, a comparação se deu entre duas torcidas organizadas do Botafogo de Futebol e Regadas – a Loucos pelo Botafogo e a Fúria Jovem. Já no segundo caso, o foco incidiu no cotejo entre as tradicionais torcidas organizadas – as chamadas Torcidas Jovens cariocas dos anos 1960 – e as mais recentes agremiações, com inspiração nas barras e nas torcidas de alento argentinas, surgidas no Rio de Janeiro durante a primeira década do século XXI.

Há também pesquisas que abordam a questão a partir do método da História Oral, em particular as histórias de vida dos torcedores organizados. Elas permitem conhecer etapas importantes da trajetória biográfica dos entrevistados, desde sua infância, passando pelo período de ingresso nas agremiações e alcançando o momento presente de participação.

³ SEBRELI, Juan José. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

⁴ MENEZES, Isabela Trindade. *Entre a fúria e a loucura: duas formas de torcer pelo Botafogo*. Rio de Janeiro: (Dissertação de Mestrado) Memória Social, UNI-Rio, 2010, p. 132.

⁵ TEIXEIRA, op. cit.

Nesta situação, o que interessa ao pesquisador é acompanhar a construção dos discursos e a apreensão do ponto de vista do sujeito.

Esse recurso metodológico foi utilizado pelos autores deste artigo em um projeto de pesquisa com seis fundadores e lideranças que participaram da criação da Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ). O surgimento se deu em virtude do crescimento das políticas repressivas implementadas por secretários de segurança de estado e por promotores do Ministério Público, a exemplo do TAC (Termo de Ajustamento de Conduta), adotado em 2013 e assinado no mesmo ano por representantes de entidades torcedoras de diversas regiões.

Neste sentido, o recente “Guia de Recomendações para Atuação das Forças de Segurança Pública em Praças Desportivas”⁶, publicado pelo governo federal, através de parceria entre a Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça (Senasp/MJ) e o Ministério do Esporte, contribui para elucidar algumas dimensões relacionadas à temática da violência no futebol brasileiro contemporâneo. Em particular, os esforços voltam-se à percepção menos maniqueístas dos grupos tratados como “perigosos” pela opinião pública: as torcidas organizadas. O documento relaciona recomendações de procedimentos padronizados a serem cumpridos de forma integrada pelos agentes do poder público e da organização dos eventos esportivos em todo o país.

Assim sendo, se os direitos e os deveres sancionados pelo Estatuto do Torcedor em 2003 acenaram para avanços no médio e longo prazos, em contrapartida a repressão continua a ser a solução prática mais imediata vislumbrada pela maioria das autoridades, desencadeando reações por parte dos torcedores, como no caso acima mencionado da FTORJ. Como produto, foi lançado um livro por Hollanda, Medeiros e Teixeira⁷, que consolida os principais resultados das entrevistas, registradas igualmente no formato audiovisual, desdobrando-se por sua vez em um filme de curta-metragem, intitulado “A voz da arquibancada”⁸.

⁶Informações a respeito da publicação no portal do Ministério dos Esportes: <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/55644-ministerios-do-esporte-e-da-justica-lancam-guia-de-recomendacoes-de-seguranca-em-pracas-desportivas>. Acesso em: 14 de junho de 2016.

⁷ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *A voz da arquibancada: narrativas de lideranças da Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

⁸ O curta foi exibido em fóruns acadêmicos, como as mostras de filmes da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais), da SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia) e da ABHO (Associação Brasileira de

Também existem análises historiográficas para investigar as torcidas organizadas. É um tipo de investigação menos comum na historiografia, que busca compreender as transformações ocorridas ao longo do tempo, à luz da diacronia, com base em fontes históricas, em sua maioria periódicos, mediante consulta a impressos e a imagens fotográficas, mas também por meio de registros de acervos pessoais, entre outros documentos primários.

O livro “O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro” de Bernardo Borges Buarque de Hollanda⁹ utilizou este tipo de abordagem e documentação para o seu trabalho de doutoramento na subárea de História Social da Cultura. Nele, o autor utilizou material disponível no arquivo do *Jornal dos Sports*, com vistas a compreender a formação dos estilos de vida juvenis – delimitados por Abramo¹⁰ – na cidade do Rio e os modos de expressão das torcidas organizadas entre as décadas de 1960 e 1980, quando o Brasil atravessa o período da ditadura civil-militar.

De forma complementar, há estudos quantitativos que auxiliam a identificar e a mensurar as distintas características dos integrantes das Torcidas Organizadas (doravante TOs). Se, por um lado, possui como limitação a pouca densidade em seus dados estatísticos, por outro, possibilita a técnica da inferência e da generalização dos resultados a toda a população pesquisada.

A utilização da metodologia quantitativa nas Ciências Sociais encontra dificuldade também porquanto ela se aproxima do imaginário jornalístico, haja vista as sondagens de opinião pública preexistentes, desenvolvidas por instituições de pesquisa e por meios de comunicação de massa, quer seja a escrita, a falada e a televisada. Pode-se mencionar o livro “DNA Paulistano”¹¹, divulgado pelo instituto Datafolha, responsável pelo mapeamento completo das oito regiões da cidade de São Paulo, bem como de seus 96 distritos. À época, seu objetivo era elucidar a realidade urbana com base em estatísticas que versam sobre aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais do cotidiano do cidadão habitante da maior metrópole latino-americana.

História Oral), nos anos de 2014, 2015 e 2016. Ele está disponível no Youtube e pode ser assistido em: <https://www.youtube.com/watch?v=okzLEvrdYto>

⁹ HOLLANDA, op. cit.

¹⁰ ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

¹¹ DATAFOLHA. *DNA Paulistano*. São Paulo: Publifolha, 2009.

Em âmbito esportivo, convém aludir à sondagem realizada pela Rádio Globo¹², em 2013, que buscou salientar como os torcedores de clube do Rio de Janeiro e de São Paulo consomem o futebol. Embora seja um estudo a respeito de mídia e consumo, o levantamento permitiu traçar quatro perfis comportamentais reconhecidos pelo senso-comum do fã de futebol: o “cientista”, o “religioso”, o “tribal” e o “festeiro”.

Cada um desses tipos-ideais tinha destaque em um aspecto, como a busca incessante por informação do clube (o “cientista”), a frequência assídua e fervorosa ao estádio (o “religioso”) ou o modo como estabelece o vínculo com o futebol (o “tribal” ou o “festeiro”). É um estudo útil para o planejamento dos gestores de clubes interessados em maximizar seus lucros e suas marcas, bem como para os organizadores do futebol, como o Campeonato Brasileiro, e, principalmente, para os anunciantes publicitários dos veículos de mídia.

Em nível universitário, existem pesquisas quantitativas de carácter sociológico cujo propósito é conhecer esse complexo grupo social, a fim de contribuir com a realização de políticas públicas voltadas à cidadania, mediante negociação e/ou arbitragem de conflitos sociais. O estudo de Heloisa Reis¹³ empregou este método próprio das Ciências Sociais para contribuir, em parceria com o Ministério do Esporte, com a criação de uma política nacional de prevenção à violência nos espetáculos esportivos¹⁴.

A pesquisa de Reis¹⁵ pretendia compreender a relação entre o consumo de álcool e a violência entre membros das torcidas organizadas. Para isso, a autora realizou um *survey* com um questionário estruturado de 25 perguntas e uma amostra com 804 entrevistados, na cidade de São Paulo, focando em membros de torcidas organizadas do sexo masculino, com idade entre 15 e 25 anos.

Para além do consumo de bebidas alcóolicas, adicionalmente, os resultados são interessantes uma vez que explicitam algumas características desse grupo social, como a

¹² Alguns resultados da pesquisa podem ser acessados em: <http://epocanegocios.globo.com/Essa-E-Nossa/noticia/2013/11/quem-sao-os-novos-torcedores-do-futebol-brasileiro.html>. Acesso em: 04 de junho de 2016.

¹³ REIS, Heloisa Helena Baldy dos. *Futebol e violência*. Campinas: Armazém do Ipê; Fapesp, 2006.

¹⁴ CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (Org.). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. IPEA, Brasília, 2009.

¹⁵ O projeto contou ainda com a complementariedade de uma pesquisa bibliográfica e documental, além de depoimentos complementares de lideranças das torcidas organizadas.

proporção de afrodescendentes (19,2%), a proporção de menores de idade (26,9%) e frequência aos estádios entre uma e duas vezes por semana (85,9%)¹⁶.

Em sintonia com esse projeto, os autores deste artigo coordenaram dois *surveys* com membros de torcidas organizadas, sendo um em São Paulo e outro, no Rio de Janeiro. A pesquisa permitiu mensurar uma gama de informações, a respeito do perfil sociodemográfico do torcedor organizado e ensejou a produção de indicadores quantitativos para entender o vínculo dos integrantes de torcidas com o futebol.

No artigo que ora se apresenta, propõe-se abordar o perfil social para esclarecer a pergunta sobre quem é o torcedor organizado de futebol na atualidade. Pretende-se explicitar que este torcedor organizado assiste a um momento de transição, com a transformação dos estádios em arenas para a realização dos chamados megaeventos esportivos. Este momento de transitoriedade lhe coloca uma série de desafios em relação à “cultura torcedora” e ao público consumidor de esportes em geral.

Segundo a proposta dos gestores esportivos, a Copa do Mundo da FIFA de 2014 configurou-se uma ocasião especial para a conversão do torcedor em espectador, para não dizer em cliente, mediante programas como o sócio-torcedor, implantados junto aos novos modos de fidelização e aos novos paradigmas de customização da frequência aos estádios de futebol no Brasil, alicerçados na chamada indústria do entretenimento.

A aplicação de entrevistas ocorreu no interior dos estádios. Em determinadas situações, as mesmas tiveram de ser aplicadas nas proximidades aos portões de entrada e nas cercanias dos equipamentos esportivos. O critério adotado para identificar o “torcedor organizado” foi o indivíduo portador de camisa, boné, calça ou bermuda da facção investigada, bem como aqueles que portavam bandeira ou instrumentos musicais. Uma vez identificado com uma destas características, a pessoa estava apta a ser abordada pela equipe de aplicadores para participar da pesquisa.

Com base nesses critérios, a pesquisa não limitou as entrevistas segundo a faixa etária nem o sexo do entrevistado. Buscou-se trazer elementos numéricos que contribuam para dar a conhecer de maneira menos estereotipada quem é o torcedor organizado contemporâneo, identificando, por exemplo, as proporções masculinas e femininas na categoria social dos “torcedores organizados”. Desta forma, este é um estudo que se inscreve em linha de

¹⁶ REIS, Heloisa Helena Baldy dos. “Lei Geral da Copa, álcool e o processo de criação da legislação sobre violência”. *Movimento*, v.18, n.1, Porto Alegre, 2012, p.69-99.

continuidade àquele desenvolvido por Heloisa Reis¹⁷, em 2012, incorporando novas dimensões e novos segmentos de torcedores, além de contribuir com uma via comparada de perfis entre São Paulo e Rio de Janeiro.

Neste artigo, serão debatidas dimensões relacionadas ao tema da violência entre camadas da juventude, conforme Carla Andrade¹⁸, a partir da percepção dos torcedores organizados dos grandes clubes paulistas e cariocas. Para tal, são utilizados dados de dois *surveys*, que perfazem um total de mais de mil respondentes nas duas cidades, todos integrantes ativos de torcidas organizadas. Entrevistados em dias de jogos, os questionários foram aplicados tanto nas dependências quanto nas cercanias dos estádios, entre os anos de 2013 e 2015.

Em São Paulo, a pesquisa foi financiada pela Fapesp e a sua realização contou com uma parceria entre o Museu do Futebol e o FGV-Opinião (CPDOC-FGV). Foi utilizada uma amostra não probabilística com 612 entrevistas e a coleta dos dados durante o segundo semestre de 2014 até fevereiro de 2015, coordenada pela pesquisadora do Museu do Futebol, Aira Bonfim. Os entrevistados foram torcedores organizados de seis agremiações clubísticas: Corinthians, Juventus, Palmeiras, Portuguesa, Santos e São Paulo.

Já no Rio de Janeiro, a pesquisa foi financiada pelo CNPq e apoiada pelo FGV-Opinião (CPDOC-FGV). As entrevistas com torcedores organizados de Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco. Foi utilizada uma amostra não probabilística com 426 entrevistas e a coleta dos dados ocorreu entre agosto e outubro de 2013, perfazendo um total de vinte partidas. Para a aplicação dos questionários, foi montada uma equipe coordenada por Jimmy Medeiros (FGV-Opinião) e constituída por estudantes de graduação em Ciências Sociais.

Feita a contextualização da pesquisa, vale dizer que o artigo estrutura-se com base na descrição e na análise de quatro dimensões: o primeiro aspecto abordado é o perfil social básico do torcedor organizado. Dados elementares como faixa etária, gênero, taxas de escolarização e atuação profissional são traçados, com vistas a perfilar, em termos sociológicos, quem é o torcedor organizado hoje. Esta primeira seção afigura-se fundamental, porquanto oferece subsídios para pensar até que ponto este indivíduo se ajusta ou foge aos padrões de estereotipia tradicionalmente imputados a esses indivíduos e grupos.

¹⁷ REIS, op. cit.

¹⁸ ANDRADE, Carla Coelho de. *Entre gangues e galeras: juventude, sociabilidade e violência na periferia do Distrito Federal*. (Tese de Doutorado) Antropologia Social, UNB, Brasília, 2007.

A segunda dimensão trabalhada no presente artigo investiga os alcances e os limites da rivalidade existente entre os clubes de futebol profissional do eixo Rio-São Paulo. Procura-se entender de que maneira a animosidade clubística mais ampla, acumulada ao longo de décadas e transmitida de geração em geração no decorrer do século XX, é emulada e internalizada no etos desses agrupamentos torcedores e como ela repercute nos conflitos inter-torcidas.

Na sequência, discute-se o comportamento dos fãs futebolísticos quanto às atitudes das TOs protagonizadas no futebol extracampo. Descreve-se e analisa-se aqui a relação dos torcedores organizados com outros atores do universo futebolístico, a exemplo dos dirigentes, dos jogadores e dos treinadores. Trata-se em específico de avaliar a postura adotada por muitas TOs de pressionar os times a que são filiados, quando estes se encontram em fases ruins ou apresentam uma sequência de maus resultados. Avalia-se a percepção dos próprios torcedores quanto aos seus mecanismos de pressão e quanto às suas estratégias de intimidação, reportadas pela imprensa nos centros de treinamento e nas sedes dos clubes.

O quarto e último aspecto analisado é a visão que o entrevistado tem da sua torcida em relação direta à violência e aos enfrentamentos com os grupos rivais. Esta última questão aborda o relacionamento de torcedores com policiais e examina uma problemática importante, qual seja, as excursões das torcidas no acompanhamento das partidas do seu time “fora de casa”, quer seja nas capitais de outros estados, em cidades do interior do país ou mesmo dos municípios do estado do Rio ou de São Paulo.

Essa constitui uma faceta não negligenciável do pertencimento grupal e da socialização dos integrantes neste grupo social. Para muitos, consiste em ocasião oportuna para uma vivência mais intensa no seio do agrupamento, para transgressões, em menor ou maior escala, e é ainda compreendida como uma oportunidade para o encontro com rivais, resultando em brigas e distúrbios com torcidas oponentes.

Torcedor organizado, subcidadão? Um perfil dos adeptos dos principais clubes das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo

Conforme dito na Introdução, a pesquisa foi realizada com um total de 1.038 torcedores organizados, sendo 612 em São Paulo e 426 no Rio de Janeiro. Um primeiro resultado diz respeito à representatividade de gênero no interior das torcidas. Este dado

corroborar a ideia de que as torcidas organizadas são compostas por uma grande maioria de pessoas do sexo masculino. No Rio de Janeiro, 91% dos entrevistados eram homens e em São Paulo esta proporção foi um pouco menor, igual a 86% (Figura 1).



Figura 1 – Proporção de homens entrevistados (%)

Se comparado ao brasileiro médio em geral, chega-se à observação de que, ao contrário do que parece à primeira vista, o torcedor organizado de futebol apresenta padrão de escolarização superior. Segundo dados do censo demográfico brasileiro, realizado pelo IBGE em 2010, 49,3% das pessoas com mais de 25 anos de idade são analfabetas ou têm o ensino fundamental incompleto. Ainda de acordo com este Instituto, 14,7% possuem o ensino fundamental completo, 22,5% o ensino médio completo e 11,3% têm o ensino superior completo.

Conforme a figura 2, os clubes pesquisados do Rio de Janeiro e de São Paulo possuem, respectivamente, 19% e 20% de torcedores com ensino superior e 58% e 62% com ensino médio completo. Assim, os torcedores organizados apresentam proporções quase duas vezes maior, para o grau de escolaridade dos ensinos superior e médio, do que a população brasileira com mais de 25 anos, conforme o mensurado pelo IBGE no censo demográfico de 2010.

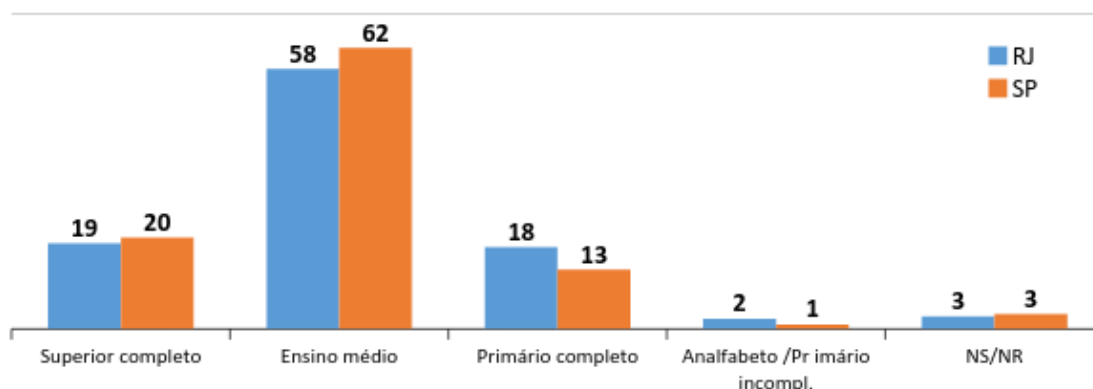


Figura 2 – Grau de escolaridade do torcedor organizado (%)

Cerca de $\frac{3}{4}$ dos entrevistados são pessoas solteiras, o que indica maior desprendimento no quesito tempo disponível à participação, com um menor comprometimento conjugal. Isto, de certa forma, pode-se conjecturar, facilita a adesão dos indivíduos nas agremiações, uma vez que as TOs demandam a boa parte dos associados uma participação ativa em festas, viagens e eventos, além dos jogos. Em São Paulo, 23% estão casados, ao passo que no Rio este percentual reduz para 15% (Figura 3).

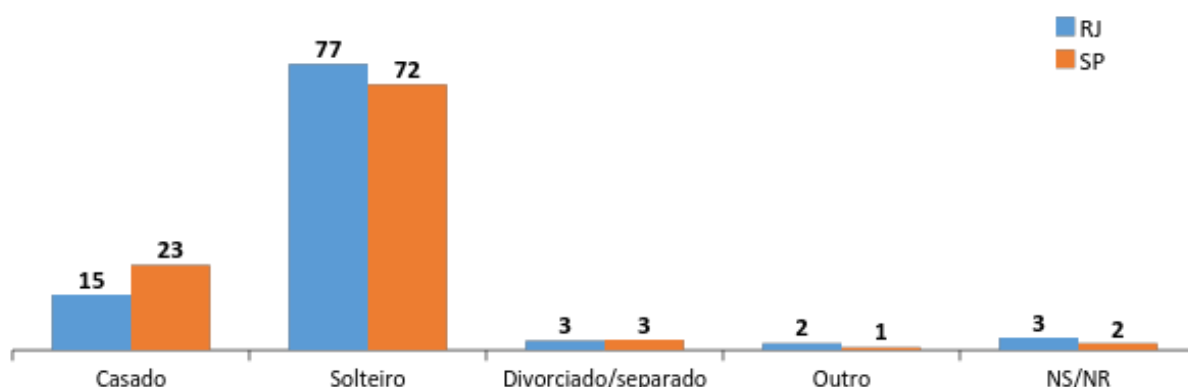


Figura 3 – Situação conjugal (%)

Nem todos os entrevistados residiam na capital do estado em que as pesquisas foram realizadas. O padrão entre as duas pesquisas é bastante parecido, com diferença de três pontos percentuais a mais para São Paulo, que totalizou 67% de moradores da capital. Outras cidades da região metropolitana, do interior do estado e de cidades de outras unidades federativas representaram 1/3 dos entrevistados (Figura 4).

Dessa maneira, os jogos têm atraído uma boa parcela de torcedores oriundos de fora da cidade sede dos clubes pesquisados. Isto considerando a equipe do Santos Futebol Clube, que é sediada na cidade de mesmo nome, pois a pesquisa realizou entrevistas durante alguns

jogos na capital – Pacaembu – e outros na Vila Belmiro, em Santos. Mesmo assim, a proporção de residentes no Rio e em São Paulo é bastante parecida.

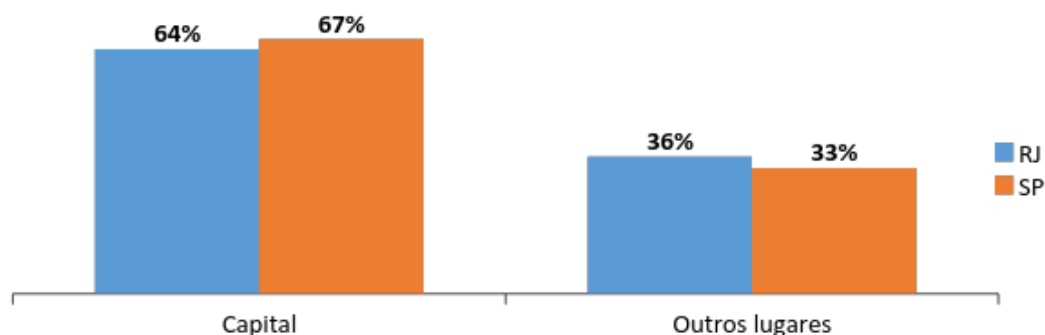


Figura 4 – Local de moradia do entrevistado (%)

Com relação à ocupação dos entrevistados, 81% dos torcedores organizados de São Paulo desempenham alguma atividade profissional. No Rio de Janeiro, essa proporção é menor e igual a 70%, sobretudo por conta da grande quantidade de estudantes entrevistados. Esta categoria apresenta a maior diferença entre as duas pesquisas, pois em São Paulo a proporção foi de 7% e no Rio somou 26%, ou seja, mais do que $\frac{1}{4}$ do total da amostra (Figura 5).

Este resultado se deve, talvez, à maior proporção de entrevistados com até 19 anos, haja vista que os clubes da capital fluminense têm 32% do contingente de entrevistados nesta faixa. Na capital paulista, a categoria soma apenas 15% (Figura 6).

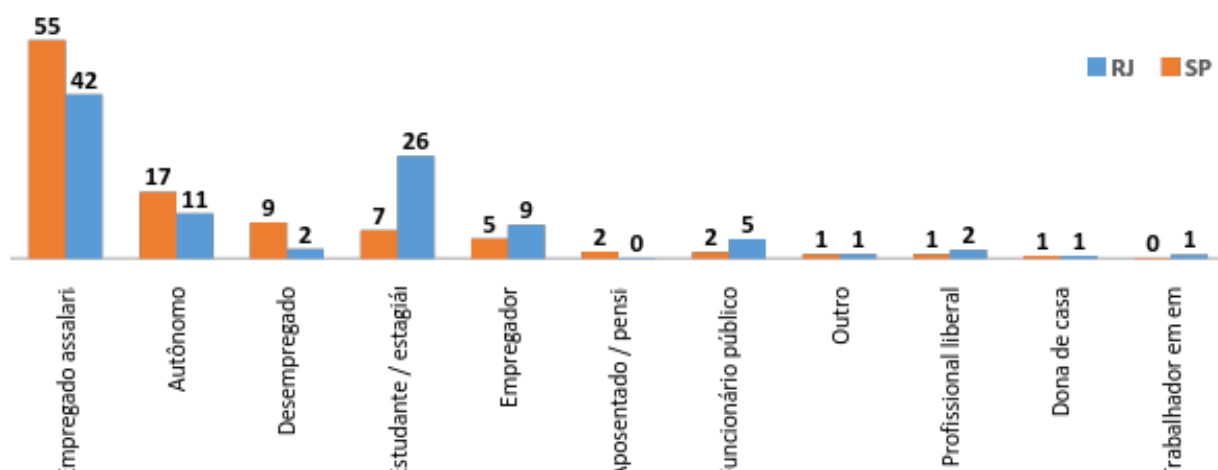


Figura 5 – Ocupação do entrevistado (%)

Essa menor quantidade de torcedores organizados com idade inferior a 18 anos está em conformidade com o estudo de Heloisa Reis¹⁹. Se, por um lado, há distinção entre as duas localidades na primeira faixa de idade da figura 6, por outro, nas três faixas de maior idade existe um certo equilíbrio. As proporções não passam de 7%, no Rio de Janeiro, e de 6%, na capital paulista. Ou seja, nas duas amostras há uma pequena quantidade de entrevistados com mais de 40 anos de idade.

As três primeiras faixas etárias concentram pouco mais de 90% dos entrevistados. Junto à primeira faixa, a maior parte dos torcedores têm até 39 anos de idade, sendo que a faixa entre 20 e 29 anos concentrou a maior proporção – 45% no Rio e 52% em São Paulo – e parcela significativa entre 30 e 39 anos – somando 16% no Rio e 27% em São Paulo (Figura 6).

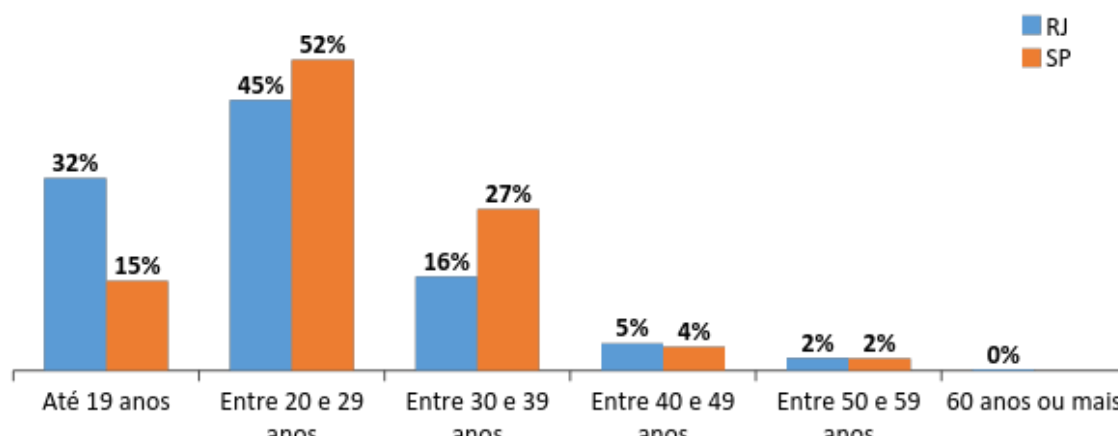


Figura 6 – Perfil etário do torcedor organizado (%)

Tal resultado configura um perfil etário mais jovem na capital fluminense. Em São Paulo, as proporções de pessoas com idade entre 20 e 29 anos e também entre 30 e 39 anos é maior. É um dado que demanda uma investigação complementar, para identificar se no Rio as torcidas têm tido maior atratividade para os mais jovens e/ou se, em São Paulo, elas conseguem consolidar os seus membros por mais tempo.

A figura a seguir permite desdobrar um pouco mais a questão, visto que a segunda hipótese aparentemente é reforçada. Afinal, 15% dos torcedores organizados no Rio têm mais de 10 anos de participação em TO e em São Paulo essa proporção aumenta para 34% (Figura 7).

¹⁹ REIS, op. cit.

Sob outro ângulo, os torcedores com um ano completo ou menos tempo de participação na TO totalizam 15% em São Paulo e 26%, no Rio. Nas amostras das duas localidades, a maior proporção é verificada na faixa entre 4 e 9 anos de filiação às torcidas (Figura 7).

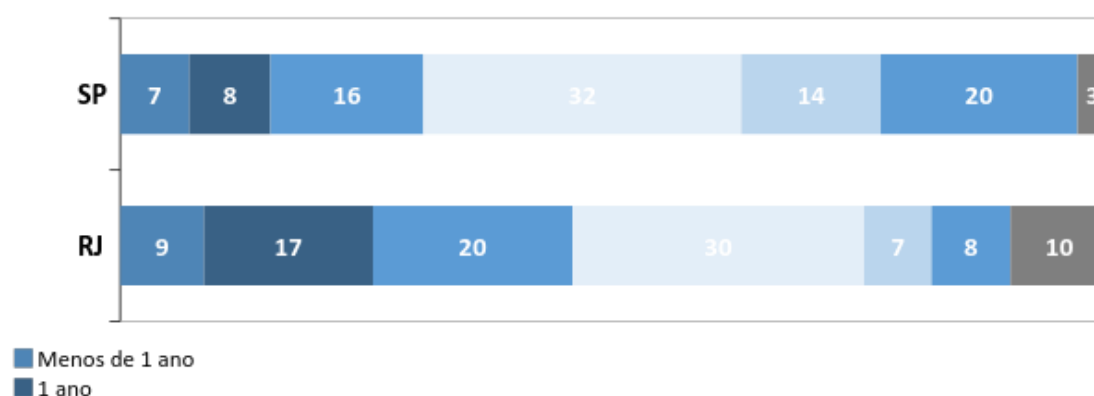


Figura 7 – Tempo de filiação à torcida organizada (%)

É provável que essa diferença de maior tempo de participação nas torcidas do estado de São Paulo esteja relacionada ao efeito de “migração” dos membros das torcidas para as escolas de samba da própria agremiação. Aventa-se aqui que isto, talvez, seja o fator contribuinte para esta maior permanência dos integrantes nas torcidas paulistas. Ademais, a longo prazo pode ser que o torcedor organizado dos grandes clubes de São Paulo tenha uma idade média ainda maior, caso esse grupo social não seja atrativo para os mais jovens. Contudo, essas conclusões carecem de uma investigação adicional, para assegurar a veracidade dos motivadores fundamentais.

O torcedor organizado dos principais clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo que frequenta os estádios e as novas arenas dos seus clubes, diferentemente do que imaginado, tem vínculo empregatício e é mais escolarizado que o “brasileiro médio”. Uma parte deste grupo, decerto, se envolve em brigas, confusões e conflitos, todavia, não são todos os seus integrantes, nem isto se deve, única e exclusivamente, ao fator “pobreza” e/ou “ignorância”.

Conhecer o perfil dos integrantes dessas associações é uma etapa importante para aceitar a sua participação na esfera futebolística, bem como, para refletir sobre a sua inclusão mais substantiva no debate – dentro e fora da “grande mídia” – das políticas públicas na área de esporte. Se hoje ele é visto como o bode expiatório dos problemas que entravam o futebol brasileiro, não se deve desconsiderar a necessidade de sua incorporação, mediante direitos e

deveres, à esfera pública futebolística, como realizado em países europeus, a exemplo da Alemanha.

Da dependência à autonomia do torcer: rivalidade clubística e torcidas rivais

Feita a identificação mais geral do perfil social do torcedor organizado, passa-se agora à apreciação de um quesito importante: como o torcedor organizado reconhece um rival e como ele lida com a rivalidade clubística. A identidade de um clube de futebol profissional de alto rendimento, bem como da sua torcida, depende, sobretudo, do lastro identitário de sua história e do histórico de suas conquistas.

As vitórias e as derrotas são a base para a construção de uma memória coletiva que tem no clube seu centro gravitacional. Ainda que seja ora omitida ora negligenciada, a afirmação da identidade coletiva opera sempre em função de um “outro”, próprio da alteridade clubística, sem a qual não existiria a dimensão concorrencial e conflitiva de superação no futebol.

Nesse sentido, uma face importante que contribui para a constituição da identidade moderna do futebol, e do torcedor organizado em particular, é a rivalidade interclubes. Isto é, a relação de uma agremiação em função de um oponente ou de um conjunto de antagonistas, a partir do qual se constrói uma fricção fronteira dos limites entre o “eu” e o “outro” coletivos.

A coesão e o contraste no universo das torcidas de futebol podem ser protagonizados na sua cidade de origem. Estas podem também ser erigidas em âmbito regional e nacional, com base na extensão de uma lógica binária, ou em sistema matricial de adesões e oposições em rede, que identifica uma tessitura de alianças, segundo o princípio de encadeamento denominado pelos antropólogos de “segmentação ordenada”²⁰. Esta configura relações de amizade e inimizade, variando de subgrupo a subgrupo, conforme a geração, as lideranças, as circunstâncias de desempenho do clube a que estão vinculados e o grau de tensão da partida.

Na elaboração do questionário, foi considerada uma pergunta para identificar o time de maior rivalidade da torcida organizada a que o entrevistado pertencia. Conquanto a pesquisa tenha abordado membros de diversas torcidas organizadas de um mesmo clube, é possível observar a existência de padrões de respostas para cada um deles.

²⁰ EUFRÁSIO, Mário Antônio. *Estrutura urbana e ecologia humana: a Escola de Chicago (1915-1940)*. São Paulo: Editora 34, 1999.

Em São Paulo, o que não chega a surpreender para aqueles que acompanham a dinâmica futebolística local, o Corinthians é apontado como o principal rival das torcidas dos demais grandes clubes, sendo mencionado por 91% dos torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras, 83% dos membros de torcidas organizadas do São Paulo Futebol Clube e, por fim, citado por 77% dos torcedores do Santos Futebol Clube. Em contrapartida, para 83% dos corintianos, o Palmeiras é o maior rival (Tabela 1).

	Nenhum	Corinthians	Palmeiras	Santos	São Paulo	Outro	Total
Juventus	20%	4%	0%	0%	0%	76%	100%
Portuguesa	12%	8%	24%	0%	44%	12%	100%
Palmeiras	1%	91%	2%	0%	2%	3%	100%
Santos	1%	63%	1%	0%	29%	6%	100%
São Paulo	0%	77%	15%	3%	0%	6%	100%
Corinthians	0%	0%	83%	0%	12%	5%	100%

Tabela 1 – Time de maior rivalidade da torcida organizada em São Paulo (%)

No Rio de Janeiro, por seu turno, 87% dos torcedores do Clube de Regatas Vasco da Gama e 86% do Botafogo Futebol e Regatas mencionaram o Clube de Regatas Flamengo como maior rival, fato igualmente previsível. Para os torcedores do Fluminense Football Club, o rubro-negro carioca também é indicado como o arquirrival por excelência. Não obstante, esta indicação ocorre em menor proporção (53%). Para 76% dos membros das agremiações organizadas do Flamengo, o Vasco é o principal rival (Tabela 2)

	Nenhum	Botafogo	Flamengo	Fluminense	Vasco	Outro	Total
Botafogo	4%	1%	86%	8%	0%	1%	100%
Flamengo	4%	6%	0%	6%	76%	8%	100%
Fluminense	11%	11%	53%	2%	17%	6%	100%
Vasco	1%	1%	87%	3%	1%	7%	100%

Tabela 2 – Time de maior rivalidade da torcida organizada no Rio de Janeiro (%)

Em contraposição a esta faceta de rivalidade, para um grupo considerável de torcedores organizados do Juventus (20%), da Portuguesa (12%) e do Fluminense (11%), verifica-se a tendência a não indicar um clube de maior rivalidade. Ademais, se o Corinthians e o Flamengo concentram as maiores taxas de animosidade e de rejeição contrastiva, há casos que fogem deste cenário. O Santos, de um lado, possui poucas menções de ser o time com a torcida de maior rivalidade. Isto, todavia, não indica que as torcidas dos demais clubes não tenham rivalidades com as torcidas santistas, apenas não são indicadas como preferencialmente as de maior grau de aversão.

Um dado que chama atenção nas tabelas 1 e 2 é o entrevistado que indica alguma torcida do próprio clube como sendo de maior rivalidade. Isto ocorre com o Palmeiras (2%), Fluminense (2%), Vasco (1%) e Botafogo (1%). É possível isto aconteça em razão do surgimento de novas agremiações, deflagradas por mecanismos de seccionamento e dissidência frente a outras mais tradicionais. É lícito supor, também, que tal fato tenha origem em alguma disputa interna por maior representatividade intratorcida, fenômeno recente no universo torcedor, ou até por embates para ocupar uma área desejada da arquibancada.

Malgrado esses dados não representem uma novidade na percepção do torcedor organizado dos maiores clubes das duas principais capitais do país, e mesmo do torcedor não-organizado, trata-se de uma sistematização importante para o debate a respeito da violência entre esses agrupamentos. Afinal, o coeficiente de antagonismo das partidas chamadas “clássicas”, dos derbies de cada cidade, repercute nos confrontos antes, durante e/ou depois dos jogos. Trata-se de eventos mais tensos que, por conseguinte, acarretam maior probabilidade de ocorrência de brigas, um dado a ser considerado na elaboração de políticas públicas preventivas.

O mesmo vale para a situação inversa, em que há baixo índice de rivalidade inter-torcidas. Todavia, este aspecto requer um monitoramento constante, pois as rivalidades interclubes são seguidas apenas parcialmente pelas torcidas, que em determinados casos adotam uma postura mais autônoma na definição das torcidas amigas e inimigas, cujos critérios escapam à alçada do clube.

Além disso, essa é uma informação que pode mudar ao longo do tempo, com a realização de novas alianças ou a deflagração de conflitos insuspeitados. Neste sentido, os torcedores organizados do Botafogo e do Vasco da Gama, por exemplo, sustentaram por décadas uma parceria amistosa, com confraternizações mútuas nos encontros entre os dois

clubes. O mesmo pode ser dito para as principais associações torcedoras de Palmeiras e Vasco, cuja amizade foi selada no início dos anos 1980 e perdura até a atualidade.

Tais elos, no entanto, constituem pactos dinâmicos, sempre sujeitos a câmbios, rupturas e crises. No caso dos torcedores de Vasco e Botafogo, o vínculo de respeito foi abalado parcialmente durante o campeonato estadual do Rio de Janeiro, em 2016. Na ocasião, registraram-se confrontos de determinados segmentos nas cercanias do estádio, em dois jogos, momentos antes do início da partida²¹. Este abalo demanda uma investigação complementar para verificar as causas motivadoras, somada a um acompanhamento das suas consequências para saber se vai de fato pôr fim à duradoura aliança, construída por diversas gerações de torcedores organizados.

A torcida contra o clube: predisposições e justificativas dos torcedores organizados para atos violentos

Na realização do *survey*, foi solicitado para cada entrevistado indicar o quanto concordava ou discordava com algumas afirmativas relacionadas à temática da violência. O uso da escala de Lickert é amplamente utilizada em *surveys* do mundo todo. Segundo Almeida²², este é um mecanismo que contribui para mensurar a percepção do entrevistado a respeito de temas tidos como delicados e difíceis de lidar. A técnica auxilia na verificação da maneira pela qual o indivíduo tende a se comportar ou agir em relação a situações do cotidiano com base em uma escala simples, de cinco pontos.

A primeira situação apresentada abordava uma ação corriqueira para membros de torcidas organizadas. A intenção era verificar a percepção dos entrevistados em relação a ir ao local do treinamento do clube – o ambiente de trabalho dos jogadores e da comissão técnica – para “cobrar” (expressão nativa) o time quando este joga mal, quando perde partidas de forma considerada humilhante ou quando atravessa fases críticas de desempenho.

Por ser um ato visto como comum, uma vez que não há necessariamente transgressão explícitas de regras, tratando-se de um mecanismo de pressão sobre dirigentes, técnicos e/ou

²¹ Fatos ocorridos durante o jogo em São Januário da primeira fase do campeonato estadual de 2016 e no primeiro jogo da final no Maracanã. <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/estadual-do-rio/ultimas-noticias/2016/02/29/classico-da-amizade-e-marcado-por-brigas-entre-torcidas-de-bota-e-vasco.html>. Acesso em 13 de junho de 2016.

²² ALMEIDA, Alberto Carlos. *Como são feitas as pesquisas eleitorais e de opinião*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

jogadores, por volta de 90% dos entrevistados concordam com a realização deste ato. A concordância com esta atitude foi 8 pontos percentuais maior entre os cariocas, se comparados aos entrevistados paulistas (Figura 1).

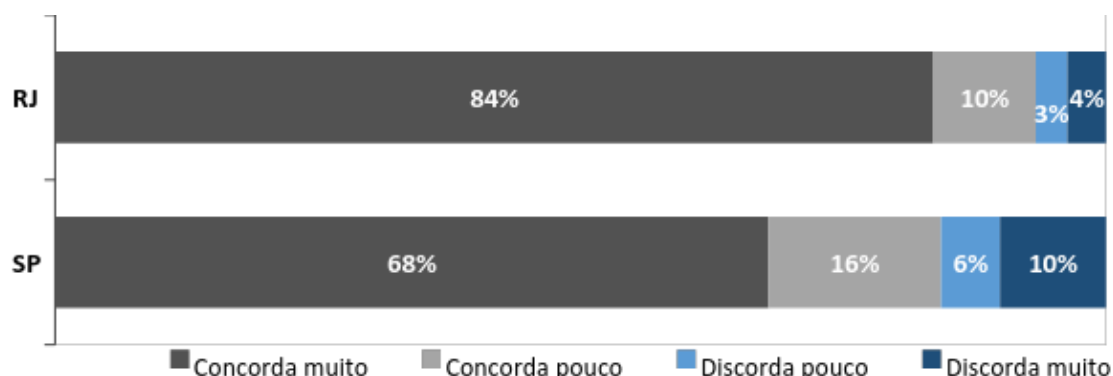


Figura 8 – A torcida organizada pode ir ao treino cobrar dos jogadores, quando o time joga mal (%)

O resultado obtido está de acordo com a hipótese da pesquisa. Se, por um lado, incentivar o time é visto como função precípua das torcidas organizadas, por outro, quando a equipe não corresponde às expectativas a cobrança, mais ou menos intimidatória, mais ou menos agressiva, é tida também como papel necessário e como atitude moral inerente a este grupo. Talvez por isto os torcedores veem-na como postura legítima e concordam em grande maioria com o tipo de ação coletiva tomada.

Para verificar até que ponto o torcedor declara ser admissível exigir os jogadores diretamente, em seu ambiente de trabalho e treinamento, foi apresentada uma nova situação²³ ao entrevistado do Rio de Janeiro. Neste caso, o participante da pesquisa indicava o seu grau de concordância com a afirmativa: “Se o time está em crise no campeonato, a torcida organizada pode ir ao treino e entrar no gramado para cobrar com maior rigidez”.

Diferente da situação anterior, nessa há transgressão de regras. Portanto, em princípio seria esperado um elevado grau de discordância com esta atitude. No entanto, 57% dos respondentes concordam com esta forma de cobrança mais incisiva. Ou seja, é amparada por mais da metade dos integrantes desses agrupamentos.

O fato de o torcedor participar de confrontos físicos afeta a percepção desta dimensão. Enquanto 74% daqueles que informam brigar com outros torcedores concordam com a

²³ Após a pesquisa realizada no Rio de Janeiro, foi realizada uma reformulação do questionário com a finalidade de torna-lo mais enxuto e fácil de aplicar. Assim, algumas questões foram suprimidas.

invasão do gramado ou do centro de treinamento para protestar, somente 52% dos que não participam de brigas apoiam esta iniciativa.

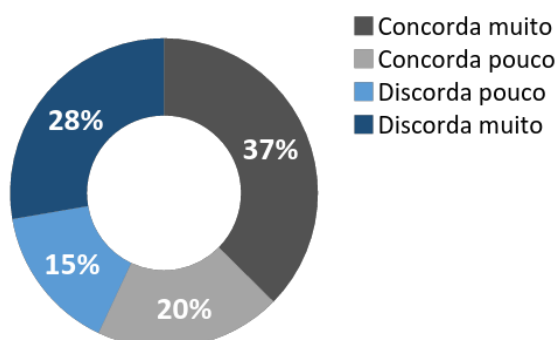


Figura 9 – Se o time está em crise no campeonato, a torcida organizada pode ir ao treino e entrar no gramado para cobrar com maior rigidez (%)

Tal resultado evidencia o comportamento do subgrupo social em estudo. No Brasil, a invasão do campo de treino ou do vestiário do clube é também uma forma de cobrança até certo ponto corriqueira, principalmente quando o time passa por uma série de resultados negativos. Embora repudiados pelos meios de comunicação especializados, existem diversos episódios ilustrativos desta situação, tal como noticiados pela imprensa nas últimas décadas e ocorridos com os times dos torcedores pesquisados.

Apenas para citar situações mais recentes, o Flamengo passou por isso no dia 28 de março de 2016. O CT do Corinthians foi invadido por mais de 100 torcedores em primeiro de fevereiro de 2014, ocasião em os jogadores foram agredidos, os funcionários do clube ameaçados e as instalações, depredadas. Já o Botafogo, liderado pelo ídolo holandês Clarence Seedorf, sofreu igualmente com os protestos coletivos dos agrupamentos de torcedores em novembro de 2013.

A internalização da violência pelos torcedores organizados: um retrato quantitativo

Em um quarto e último momento, selecionado para os fins deste artigo, é levantada a questão a respeito da relação dos torcedores organizados com a violência. A primeira variável diz respeito não ao torcedor rival, mas à Polícia Militar, entidade responsável por zelar e salvaguardar a segurança dos cidadãos presentes ao evento no interior ou exterior do equipamento esportivo, mediante escolta e separação das torcidas, dentro e fora dos

estádios. Desta maneira, o entrevistado foi convidado a indicar o seu grau de concordância com a afirmativa: “a PM só é violenta quando o torcedor organizado briga”.

Se na primeira situação apresentada o padrão de resposta entre as duas regiões pesquisadas era ligeiramente próximo, nesta questão há uma diferença mais acentuada. Enquanto em São Paulo 78% discordam desta afirmativa, na amostra do Rio de Janeiro a soma alcança 58% de discordantes. A diferença de 20 pontos percentuais se deve, talvez, à atuação contínua do Grupamento Especial de Policiamento em Estádios da Polícia Militar do Rio de Janeiro (GEPE-PMERJ), ente especializado e à frente desse processo desde o início dos anos 1990.

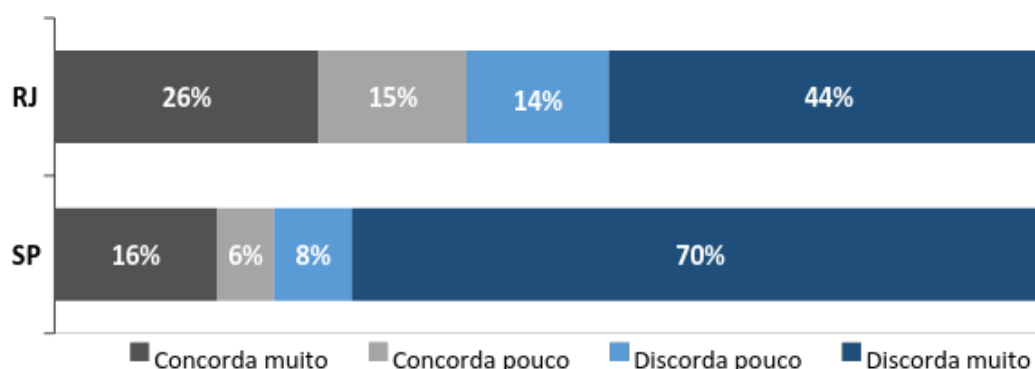


Figura 10 – A PM só é violenta quando o torcedor organizado briga (%)

O GEPE, decerto, não é uma unanimidade entre os torcedores organizados. Há relatos de atritos e de abusos de autoridade, como uso indevido de spray de pimenta por parte de determinados policiais deste destacamento, cobrança de propina para escolta e liberação de deslocamento em vias expressas interestaduais, entre outras acusações.

Sem embargo, só em reconhecer que essa corporação policial contribuiu desde 1991, quando foi criada, para modificar a forma de relacionamento entre os torcedores e o destacamento público. Ainda que haja críticas à sua atuação, o GEPE tornou-se referência no Brasil, reconhecido por determinadas lideranças de torcedores, no que tange à recepção das torcidas de fora do estado e à prevenção da violência no interior dos estádios²⁴.

Sob outro viés, um grupo bastante representativo dos respondentes aponta a PM sendo violenta somente quando ocorrem brigas e conflitos entre torcedores. Esta percepção

²⁴ A participação do representante do GEPE em Seminário Nacional de Torcidas Organizadas é uma sinalização positiva neste sentido. Fonte: <http://esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/49490-iii-seminario-nacional-de-torcidas-organizadas-em-belo-horizonte-discute-promocao-da-paz-nos-estadios>. Acesso em 15 de junho de 2016.

é compartilhada por 1/4 dos paulistanos e por 2/5 dos cariocas. Outra hipótese para esta diferença está fundamentada no crescimento de novas torcidas surgidas no Rio de Janeiro nos últimos dez anos e que se inspiram no modelo de torcer argentino. Estas apregoam o princípio de apoio incondicional ao time durante todo o jogo, louvam exclusivamente o clube, criticam a apologia da violência e pregam a pacificação na relação inter-torcidas²⁵. Trata-se, portanto, de variável importante, a ser considerada na amostra de entrevistados daquela região (figura 3).

Feito esse panorama das distintas formas de relacionamento com a Polícia Militar no Rio e em São Paulo, um dos objetivos da sondagem era avaliar o perfil de violência das torcidas, segundo declaração dos entrevistados. No Rio de Janeiro, 60% dos entrevistados indicavam que as torcidas não tinham perfil violento, tendo a atuação muito mais para a promoção da “festa” (categoria nativa) nas arquibancadas. As torcidas paulistas tinham este perfil, segundo percepção de quase 40% dos entrevistados (figura 11).

Assim, mais da metade dos paulistas reconhece fazer parte de uma entidade violenta. A diferença entre as duas regiões pesquisadas também pode ajudar a compreender as discrepâncias da percepção da atuação da Polícia Militar, conforme dados presentes na figura 10.

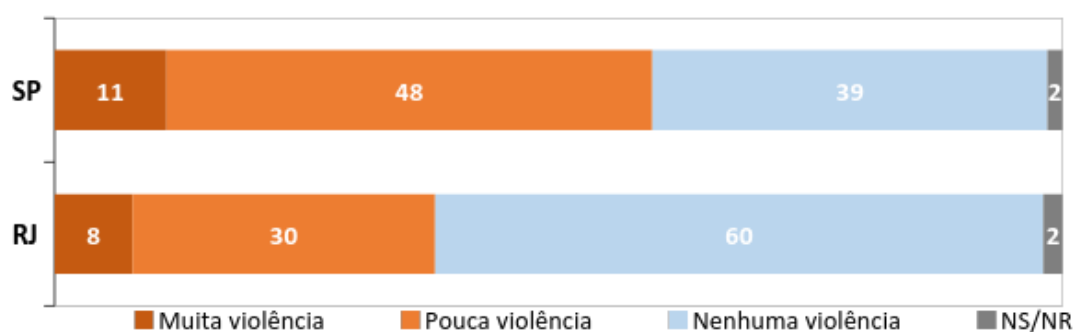


Figura 11 – Perfil da torcida organizada em relação à violência (%)

Junto à variável externa – torcidas *versus* PM –, há certo consenso no reconhecimento de que fazer parte de uma entidade considerada violenta, ou agonística, é parte intrínseca à prática dos torcedores organizados. Sendo assim, participar de brigas e confrontos com outras torcidas é vista como parte, se não desejada, ao menos necessária a quem pertence a este

²⁵ As principais torcidas vinculadas a esta subcultura, instituída em 2001 com a criação da Geral do Grêmio, são: Guerreiros do Almirante (GDA), Urubuzada, Loucos pelo Botafogo e Legião Tricolor.

universo do associativismo juvenil. Quase 37% dos entrevistados em São Paulo assumiu participar desses embates físicos.

No Rio de Janeiro, por seu turno, esse quantitativo foi menor em 10 pontos percentuais. Assim sendo, ainda que seja uma elaboração discursiva, dependente da verificação dos respectivos atos e de sua correspondência na prática, uma parcela menor dos entrevistados no Rio assume participar de brigas, e não todo o conjunto de torcedores organizados, como o senso comum pressupõe.

Durante os anos 1980, relatavam-se constantes conflitos no interior dos estádios e também nos portões de acesso. Com o reforço do policiamento, com a territorialização dos setores das arquibancadas e com a imposição de punições e escoltas às torcidas em dias de jogo, estas localidades ficaram mais seguras, o que teve por efeito reduzir a incidência de relatos de confrontos. Longe de haver uma simples redução, verificou-se em contrapartida do fenômeno da dispersão e do deslocamento dos enfrentamentos coletivos.

Na atualidade, a maior parte dos embates violentos ocorre no trajeto para os estádios, como nas rodovias e nos ramais de trem, e mesmo no interior dos meios de transporte. Afora isto, é comum também a incidência de conflitos em regiões periféricas, mais afastadas, por exemplo, em municípios distantes aos locais de realização dos jogos. Na região metropolitana do Rio de Janeiro, por exemplo, é recorrente o registro de incidentes – tumultos, brigas, linchamentos e, algumas vezes, tiroteios com vítimas fatais – entre torcidas rivais, em municípios como Niterói, São Gonçalo e Duque de Caxias.

Para 37% dos torcedores de São Paulo, os conflitos belicosos ocorrem principalmente antes dos jogos. Todavia, para 21% a beligerância acontece em sua maioria após o encerramento da partida, com a dispersão dos torcedores comuns e organizados no caminho de volta às suas casas. Outros 21% indicam que a incidência é parecida tanto antes quanto depois dos jogos. O restante acredita que a sua torcida não participa de brigas ou que elas ocorrem de forma indiscriminada ou não quiseram responder à pergunta.

No Rio de Janeiro, o padrão é um pouco diferente. Somente 6% acreditam em brigas antes e depois dos jogos. Se 22% apontam os conflitos sempre antes dos jogos, 27% acreditam que elas são mais comuns após o fim da partida. De forma representativa, 28% informa que a torcida não participa de embates violentos e atuam somente para animar o espetáculo nas arquibancadas. O restante confia na ocorrência de forma indiscriminada ou não quiseram responder à pergunta.

Em adição, deve-se considerar que o resultado do jogo é um fator influente e não pode ser descartado nas variáveis que interferem nos confrontos entre torcidas organizadas. Quando a equipe do torcedor é derrotada, a propensão para ocorrer um combate é ainda maior, segundo a opinião de 46% dos participantes da pesquisa no Rio de Janeiro e de acordo com 54% do total de respondentes em São Paulo (figura 12).

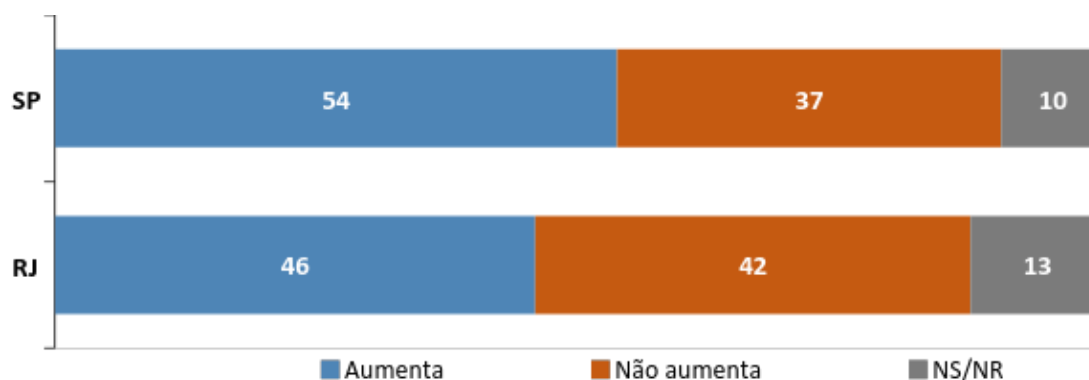


Figura12 – Impacto da derrota do time na chance de confronto com outras torcidas organizadas (%)

Apesar de haver o efeito do placar na predisposição à violência, vale dizer que nem sempre ocorrem confrontos entre torcidas. Afinal, somente em um perfil específico de jogos há a tendência a haver registro de conflitos, tais como derbies de clubes com níveis de rivalidade em escala regional ou nacional elevada (Vasco X Corinthians ou Flamengo X Palmeiras, entre outras).

Em adendo, vale dizer que determinados setores de torcidas organizadas rivais, muitas vezes vinculados a bairros específicos, envolvem-se em embates físicos em dias sem a realização de jogo dos seus clubes. Lembre-se de um episódio recente, que ganhou repercussão midiática, em função dos atores envolvidos. O caso refere-se ao ataque sofrido pelo presidente da Gaviões da Fiel, Rodrigo Fonseca, o Diguinho, em março de 2016. A emboscada aconteceu logo após uma reunião entre líderes de torcidas organizadas do estado de São Paulo com o promotor público Paulo Castilho, no Fórum Criminal da Barra Funda²⁶, para debater a respeito das punições e repressões impostas pelo poder público.

²⁶Fonte: <http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/03/presidente-da-gavioes-da-fiel-sofre-emboscada-e-tem-bracos-quebrados.html>. Acesso em 11 de junho de 2016.

Finalmente, as caravanas de viagem para outros estados e cidades promovidas pelas torcidas organizadas são eventos importantes para a socialização, para a definição de status interno e para o ritual de iniciação dos seus integrantes. Talvez por isto a maior parte dos entrevistados afirmou já ter viajado com a torcida, no ano de realização da pesquisa. Ao todo, 72% dos respondentes naturais do estado de São Paulo e 65% dos naturais no Rio de Janeiro foram, ao menos, a uma viagem para outra cidade com o seu agrupamento.

Ao mesmo tempo, a excursão constitui um evento com elevada chance de ocorrência de brigas e confusões com torcidas rivais de outras cidades, seja em torneios locais, seja em competições nacionais ou internacionais. Menos da metade dos entrevistados que viajam, costumam ir a jogos considerados “de briga”, ou seja, aqueles com elevada probabilidade de confrontos.

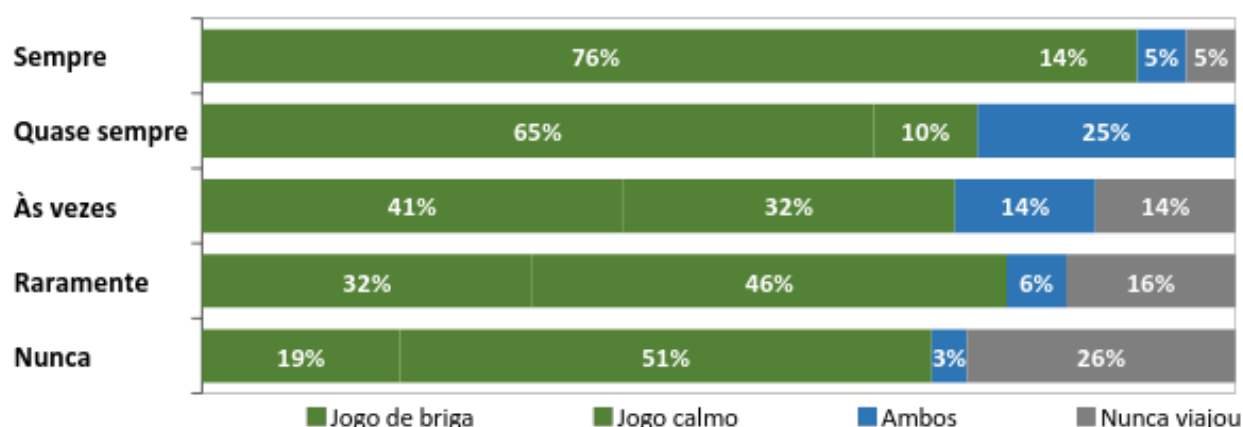


Figura 13 – Frequência que participa de brigas por tipo de viagem com a torcida organizada no último ano (%)

A participação em excursões para jogos considerados de briga aumenta quanto maior for a frequência da participação do entrevistado em confrontos ao lado da sua torcida organizada.

Dessa forma, quando uma viagem é destinada primordialmente a incentivar o seu time em um jogo contra um rival com histórico de combates, em geral nela participam os membros propensos ao embate, que já costumam agir nesses atos violentos. Estas hierarquias e subdivisões internas seguem os códigos de honra, de hombridade e de prestígio desfrutados pelo escalonamento hierárquico do grupo. Por outro lado, quanto mais tranquila for considerada a viagem, maior a probabilidade de viajar torcedores que não atuam em lutas corporais, com a permissão da presença de mulheres, senhoras e até menores de idade.

Considerações finais

O trabalho aqui apresentado procurou sistematizar dados referentes a uma problemática contemporânea: a torcidas organizadas de futebol. Para a compreensão desse fenômeno, procurou-se concentrar em quatro questões principais. A finalidade foi travar um conhecimento científico de tal universo, mediante a percepção sistêmica das opiniões dos membros de torcidas organizadas sobre o seu polêmico meio. O primeiro ponto versou sobre o perfil social do torcedor organizado, com a informação, para muitos surpreendente, de que o grau de escolarização deste segmento atinge índices maiores que os suspeitados, redimensionando o imaginário e as expectativas do senso-comum sobre as TOs.

Na sequência, foi descrito e analisado o grau de rivalidade interclubes e a respectiva introjeção do código rival por parte da torcida. Se este é absorvido de maneira bastante enfática pela maioria dos torcedores, na mesma proporção verificam-se especificidades e um grau de autonomia que rege a eleição das torcidas rivais, à margem da esfera decisória do clube.

Uma terceira questão abordada no presente artigo foi avaliar em que medida é considerado lícito pelo torcedor organizador o ato de cobrar jogadores, dirigentes e treinadores de seus times no momento em que o clube atravessa uma má fase. Há um apoio massivo dos que responderam ao questionário no sentido de legitimar a ida ao treino para exigir melhores resultados em campo. Todavia, esse apoio reduz quase pela metade quando a cobrança é mais incisiva, isto é, quando os métodos empregados valem-se da força física grupal e de atos vandálicos que danificam as dependências e o patrimônio do clube.

No que tange à percepção mais direta da violência, a Polícia Militar é percebida como uma entidade violenta na sua relação com as torcidas organizadas, em especial para os membros associados às torcidas organizadas paulistas. Não menos importante é o fato de os entrevistados assumirem sua participação e seu engajamento nas brigas com outros torcedores. Mesmo que em proporções distintas entre Rio de Janeiro (27%) e São Paulo (37%), elas podem ser consideradas como uma parcela representativa deste público.

Se o índice é expressivo, para não dizer alarmante, convém ressaltar que o mesmo não se dá na exclusividade e na unilateralidade sugeridas por membros da mídia brasileira especializada no tema, responsável por simplificar e moralizar uma questão de ordem pública de alta relevância, como o é a violência urbana, fenômeno que se sabe ser complexo e

multifacetado. Outrossim, as diferenças entre os torcedores de cada cidade são ora pontuais ora substanciais. Enquanto uma parcela maior dos torcedores indica a sua torcida como sendo violenta por cerca de 38% dos nascidos e/ou residentes no Rio de Janeiro, o número vai a 59% dentre os torcedores naturais e/ou fixados no estado de São Paulo.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ALMEIDA, Alberto Carlos. *Como são feitas as pesquisas eleitorais e de opinião*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.
- ANDRADE, Carla Coelho de. *Entre gangues e galeras: juventude, sociabilidade e violência na periferia do Distrito Federal*. (Tese de Doutorado) Antropologia Social, UNB, Brasília, 2007.
- BALIEIRO, Silvia. “Quem são os novos torcedores do futebol brasileiro? pesquisa mostra o perfil, os interesses e os hábitos de quem acompanha o esporte”. *Época Negócios*. 08 de novembro de 2013.
- BRAZ, BRUNO. “Clássico da amizade é marcado por brigas entre torcidas de Bota e Vasco”. *UOL.com.br*. Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 2016.
- CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de. “Juventude e políticas sociais no Brasil”. Brasília: IPEA, 2009.
- DATAFOLHA. *DNA Paulistano*. São Paulo: Publifolha, 2009.
- EUFRÁSIO, Mário Antônio. *Estrutura urbana e ecologia humana: a Escola de Chicago (1915-1940)*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- GLOBOESPORTE.COM. 2016. “Presidente da Gaviões da Fiel é espancado e tem braços quebrados”. *Globoesporte.com* São Paulo, 02 de março de 2016.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *A voz da arquibancada: narrativas de lideranças da Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

- MENEZES, Isabela Trindade. *Entre a fúria e a loucura: duas formas de torcer pelo Botafogo*. Rio de Janeiro: (Dissertação de Mestrado) Memória Social, UNI-Rio, 2010.
- MINISTÉRIO DOS ESPORTES. 2016. <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/55644-ministerios-do-esporte-e-da-justica-lancam-guia-de-recomendacoes-de-seguranca-em-pracas-desportivas>. Acesso em: 14 de junho de 2016.
- MINISTÉRIO DOS ESPORTES. 2016. <http://esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/49490-iii-seminario-nacional-de-torcidas-organizadas-em-belo-horizonte-discute-promocao-da-paz-nos-estadios>. Acesso em 15 de junho de 2016.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos. *Futebol e violência*. Campinas: Armazém do Ipê; Fapesp, 2006.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos. “Lei Geral da Copa, álcool e o processo de criação da legislação sobre violência”. *Movimento*, v.18, n.1, Porto Alegre, 2012.
- SEBRELI, Juan José. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2004.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

Recebido em 20 de junho de 2016
Aprovado em 10 de agosto de 2016

